

Na opiniões de especialistas em meteorologia

Temperaturas do mar mais elevadas nos Açores podem atrair este ano ciclones tropicais de maior intensidade

Pedro Mata, meteorologista reformado, e Carlos Ramalho, Delegado Regional nos Açores do IPMA, explicam que as temperaturas mais elevadas na água do mar são um dos principais factores que determinam a intensidade e a rota dos ciclones tropicais, fenómeno este que se tem verificado no mar dos Açores, uma vez que – ao contrário do que era previsto – as temperaturas da água não baixaram este Inverno. Apesar de não haver nada tido como certo na passagem de novos ciclones ou furacões pelo arquipélago, os especialistas deixam o alerta.

Ao longo dos 36 anos em que Pedro Mata foi uma cara habitual na apresentação dos boletins meteorológicos da RTP- Açores, dedicando assim toda uma carreira ao “estado do tempo” e juntando-lhe agora sete anos desde a sua reforma, a alteração climática que adianta ser mais significativa nos Açores será a alteração da temperatura da água do mar.

A par do gosto pela meteorologia e pelos demais fenómenos climáticos que nunca desaparece, o especialista é também um amante da pesca de alto mar e foi a conjugação destes dois saberes que o fez, em conjunto com outros conhecedores, perceber que pela primeira vez em muitos anos, pelo menos consoante os registos existentes, a temperatura da água do mar não baixou como seria de esperar. Pelo contrário, em vez de se situar entre os 15°C e os 16°C, a temperatura da água do mar nos Açores mantém-se nos 17°C, podendo inclusive atingir temperaturas superiores, o que não é de esperar na transição entre o Inverno e a Primavera na Região.

Tal fenómeno chamou a atenção dos especialistas também pela abundância de atum que continua a existir no mar, uma vez que no início de cada ano não costuma haver abundância desta espécie.

“Sempre estive muito ligado ao mar porque faço pesca de alto mar, e para nós é muito importante a temperatura da água por causa dos atuns. Este ano temos tido muito atum porque a temperatura da água do mar está muito mais alta do que aquilo que é costume, principalmente no princípio do ano”, conta.

Para perceber se esta suspeita relativamente à temperatura da água seria verdadeira, Pedro Mata recorreu aos registos mantidos por um amigo que contém informações preciosas sobre o estado do mar ao longo dos últimos anos, confirmando-se que “a temperatura da água do mar só baixou nos últimos 15 dias na zona da ilha das Flores, onde atingiu os 16,5°C, enquanto no resto do arquipélago não baixou os 17°C”.

As temperaturas do mar e a formação de furacões

A par dos benefícios que podem existir na pesca ou na observação de mais criatu-



Carlos Ramalho, delegado do IPMA nos Açores, e Pedro Mata comungam da opinião que os fenómenos extremos vêm com mais força este ano

ras marinhas que sejam atraídas por águas mais quentes, como pode ser o caso dos tubarões-baleia, por exemplo, que no Verão costumam chegar até ao largo da ilha de Santa Maria, há no entanto algumas preocupações relacionadas com o impacto de certos fenómenos climáticos nos Açores que também necessitam de águas mais quentes para atingir diferentes intensidades, como no caso dos ciclones tropicais.

Assim, adianta o antigo meteorologista que durante décadas entrou na casa dos açorianos durante a apresentação dos boletins meteorológicos, poderá dar-se a situação de “com temperaturas do mar mais altas, poderemos ter mais ciclones tropicais e depressões tropicais a formarem-se nos Açores”.

Para além disso, Pedro Mata refere que as temperaturas de mar mais elevadas do que o esperado podem também indicar que outros ciclones ou furacões que “se formem mais longe poderão vir a passar nos Açores, e como as temperaturas do mar são mais elevadas eles podem vir a passar mais fortes, como o Lorenzo no

ano passado”.

O especialista refere-se assim ao furacão que em Outubro de 2019 “ocupou uma maior área e apresentou ventos mais fortes”, causando prejuízos na ordem dos 330 milhões de euros, incluindo a destruição do porto das Lajes das Flores, entre outras infra-estruturas, e fazendo ainda um total de 53 desalojados pelo caminho.

O fenómeno em causa, onde se registam temperaturas mais elevadas na água do mar, deverá, na opinião do meteorologista, ter influenciado também a passagem deste furacão no arquipélago, salientando que, caso não existisse esta condição, os seus impactos teriam sido mais diminutos.

“No ano passado os Açores foram um bocado castigados, portanto deve ter havido temperaturas de água do mar mais elevadas, embora saiba que no início do ano elas baixaram os 17°C, mas se não fosse assim o Lorenzo não passaria no arquipélago daquela forma”, diz.

No futuro isto “pode acontecer e pode não acontecer”, diz o antigo meteorologista, salientando que, no pas-

sado, os cenários mais comuns ocorriam quando se formava um ciclone tropical “uma vez por outra e depois formava-se outro passados seis anos”.

Já na passagem destes fenómenos pelo arquipélago, no que diz respeito a ciclones, o esperado era “que passassem todos os anos, mas o máximo que me lembro é de terem passado dois no espaço de um ano”.

Assim, ao longo do resto do ano, e se as temperaturas não baixaram até ao momento, isto significa que a temperatura do mar estará “mais alta do que é normal, podendo chegar até aos 25°C” nas alturas mais quentes do ano.

Em relação ao Anticiclone dos Açores, Pedro Mata adianta que embora seja fundamental para “conseguir aguentar algumas coisas, este tipo de fenómenos não aguenta”. Até lá, adianta é importante que tanto os governos como a população em geral tenham conhecimento desta possibilidade, embora nem sempre seja possível conter os efeitos das intempéries.

“É preciso estar num estado de alerta